

Introdução

A prática artística contemporânea é um constante questionamento do que seja a própria definição de arte. Muitas das categorias que instrumentavam o historiador como “o objeto”, “o espaço”, “a forma”, “o *medium*”, “o artista” foram questionadas e os trabalhos, assumindo um caráter experimental e agregando o plástico, o conceitual e o performático, não são apenas fenômenos, mas também discursos - cada qual constitui um certo universo de agenciamentos - sócio-culturais, políticos, filosóficos etc.

Por sua multiplicidade a produção contemporânea escapa a categorizações gerais, fixas ou estáveis, apresentando-se como um desafio à interpretação; algo ainda mais difícil, considerando-se o questionamento, na contemporaneidade, do lugar do “historiador” como o de um construtor de encadeamentos, de parâmetros verdadeiros.

Encontrar conceitos, instrumentos teóricos, categorias para lidar com as obras envolve a articulação de linhas de argumentação que busquem a complexidade através da tensão de pontos de vista, da renovação constante da investigação, lançando perguntas.

Isto não significa a negação do pensamento teórico, ao contrário, afirma sua necessidade, diante do pluralismo e do relativismo, para buscar estratégias de aproximação e leitura. Neste sentido, lidar com os trabalhos contemporâneos requer um “modo de pensamento” crítico que interroga, tece possíveis linhas de cruzamento, estabelece diferenciações e propõe limites flexíveis. Assim não só o lugar do artista, mas também o de quem interpreta os trabalhos, se multiplica e amplia, definindo-se em deslocamento.

O objetivo geral desta pesquisa é reavaliar a relação histórica entre arte e arquitetura, após a década de 1960, refletindo em particular sobre trabalhos que, em no campo ampliado contemporâneo, instaurem novas paisagens, ou re-instaurem a paisagem. Isto compreendendo a paisagem não apenas como fenômeno físico, mas também em sua dimensão sócio-cultural.

A principal questão que mobilizou este estudo foi a possibilidade de repensar a definição da arquitetura, a partir de relações com as demais disciplinas

artísticas, partindo do questionamento do paradigma plástico-formal moderno através de estratégias partícipes de um “campo ampliado da cultura”.

Este trabalho desdobra e aprofunda a pesquisa de mestrado “Arquitetura *entre* Escultura: uma reflexão sobre a dimensão artística da paisagem contemporânea”¹, partindo do célebre ensaio da historiadora norte-americana Rosalind Krauss – “A escultura no campo ampliado” - que coloca o problema do enquadramento dos trabalhos artísticos dos anos sessenta sob o rótulo de “escultura”, chamando a atenção para os limites destas obras com a arquitetura e a paisagem. Trabalhos estes que lidariam com a relação entre construído e não construído, entre cultural e natural; muitos deles foram categorizados como *site specific* por definirem sua poética, em externalidade, a partir de sua relação com o espaço real, o sítio.

Já na conclusão daquele estudo, acreditávamos que tanto a noção de *paisagem* como a de *site specific* mereciam ter seus significados relativizados, ou melhor, complexificados – assim como o próprio diagrama de Krauss, que nos parecia um tanto esquemático e limitado para tratar de tantas diferenciações entre os trabalhos.

A paisagem é sempre cultural, é uma instância físico-fenomenológica, mas é também um campo de múltiplos discursos. Muitas são as suas possíveis leituras, uma vez que ela é polissêmica e polifônica. Neste sentido, a categoria *site specific* assume um caráter diferencial. É o que propõe a historiadora Miwon Kwon ao desdobrá-la como *site specific* fenomenológico, *site specific* da arte, *sites specific* discursivos e *sites* nômades.

Esta abordagem dos conceitos de paisagem e *site specific* torna-se fundamental para analisar como os trabalhos, diferencialmente, em um campo ampliado da cultura, reinstauram a paisagem de modo ativo e complexo, recolocando a questão da relação entre arte e vida, problematizando tanto a arte como *site* e a paisagem como *site*.

Deste modo, duas são as reflexões principais que constituem a tese: a possibilidade de reinvenção dos *mediums* a partir da tensão, ou o margear de

¹ O interesse internacional por estudos sintonizados com nossa proposta de pesquisa justifica ainda mais o aprofundamento de nossa dissertação defendida em abril 2006. No mesmo ano, a historiadora inglesa Jane Rendell publica *Art and Architecture – a place between*, também discutindo as obras do “campo ampliado” e expandindo sua análise à prática artística na Inglaterra e a alguns trabalhos internacionais que também havíamos analisado.

fronteiras, entre os limites disciplinares, e a relação entre as obras artísticas e uma situação específica como ponto de partida para uma revisão crítica do conceito e da prática do contextualismo.

A seção 2 do trabalho, “Arquitetura *entre* Arte e Paisagem”, será dedicada à abordagem teórica destas reflexões.

Problematizamos a configuração de um campo ampliado contemporâneo, em que os *mediums*² encontrar-se-iam disseminados, o que possibilitaria a reinvenção diferencial de estruturas e modos de ação artísticos, criticando as definições disciplinares tradicionais.

Está em jogo a revisão crítica do próprio modernismo, recuperando as estratégias deixadas à margem pela narrativa canônica que delineou a arte moderna como uma pesquisa sobre a especificidade de cada *medium*. Dentre as manifestações “negadas”, principalmente, o dadaísmo - em sua defesa de uma relação estreita entre arte e vida, sua abordagem conceitual e crítica, além de seu caráter experimental - é retomado por muitos dos trabalhos recentes que multiplicaram as possibilidades de definição da prática artística, provocando a tensão dos limites das disciplinas.

Uma das hipóteses dessa tese é a de que o trabalho teórico de Bernard Tschumi ao definir novos limites para a arquitetura (o concebido, o percebido e o vivenciado), revisando a tríade vitruviana *venustas, firmitas e commoditas*, tenha vislumbrado a possibilidade de diferenciação do *medium* arquitetônico, de seu campo de operações, a partir de uma perspectiva mais experimental, como a das demais artes.

Acreditamos que os trabalhos recentes, em arte/arquitetura, tratam não só da revisão de questões fenomenológicas, mas, principalmente, enfatizam conceito e acontecimento como categorias-chave na redefinição de seus próprios processos de feitura e de experiência, problematizando assim não só os limites disciplinares, mas também a relação entre arte e paisagem.

Neste sentido, buscamos analisar os modos de operação e reflexão que caracterizam as práticas artísticas, principalmente a arquitetônica, como re-inauguradoras da paisagem contemporânea. Partindo do significado do termo

² Acompanhamos Rosalind Krauss no uso do termo *medium*, em latim, e do plural *mediums*. Vale destacar que a crítica norte-americana, de Greenberg a Krauss, assim como a européia - Damisch, Yve-Alain Bois, Yann Beauvais, Didi Hubermann, Catherine Millet, entre outros - preservam o termo.

“complexidade” como sendo o que está entrelaçado à realidade, assumindo a indeterminação e a irracionalidade como parte dos processos da vida, temos como hipótese que os trabalhos aqui descritos como “poéticas da complexidade” lidam com as questões do sítio e do contexto, e assim da paisagem, como um campo de tensões e diferenciações, em permanente transformação. Estas propostas se diferenciam tanto da postura tábula rasa e utópica do modernismo como de posturas contextualistas historicistas que defenderam o sentido de “lugar” como permanência.

A discussão sobre o conceito de “lugar”, na década de 1960, apresentou-se como crítica ao caráter universalista, funcionalista e autônomo da forma moderna em relação aos contextos culturais, sugerindo estratégias que retomassem o particular e o específico. Algumas propostas, porém, buscaram afirmar o “lugar”, defendendo, como regra, a reprodução ou a atualização, no presente, de signos arquitetônicos e configurações urbanas do passado. Pretendiam assim, conter a disseminação dos “não-lugares”, sem identidade, produzidos pela modernidade, reconstituindo a historicidade do lugar.

Criticando tais atitudes, Ignasi Solà-Morales afirma a possibilidade da produção de lugares na contemporaneidade como partícipes da dinâmica atual em constante transformação. Em nossa abordagem, esta perspectiva parece indicar um campo de investigação de trabalhos que consideram não só o problema dos “lugares”, mas também o dos “não-lugares”, em sua relação contraditória que caracteriza a paisagem contemporânea. Assim, acolheremos a possibilidade de pensar o “lugar contemporâneo” como uma categoria aberta, referida a diferentes poéticas que instauram uma paisagem diferencial e múltipla, também como um campo de conflitos e acontecimentos - a paisagem como complexidade.

As “poéticas da complexidade” apresentam-se como possibilidades de pensar a relação entre arte/arquitetura e a paisagem, através da criação de situações, mundos diferenciais, heterotopias, escritas, lugares-entre, processos de territorialização.

Acreditamos que o movimento crítico realizado pela instauração de um campo ampliado das artes tenha contribuído para uma crítica da arquitetura, que reconhece para si novos limites e possibilidades de atuação, lidando com a questão do contexto. Reflexões sobre o conceitual, a abertura ao acontecimento e

à indeterminação, o *informe*, o deslocamento da autoria e a *performance* fazem parte também do discurso da arquitetura na contemporaneidade.

Vale destacar não só o interesse por questões comuns, mas a própria relação colaborativa entre artistas e arquitetos (Peter Eisenman e Richard Serra, Frank Gehry e Claes Oldenburg, Steven Holl e Vito Acconci³).

Na seção 3, “Poéticas da complexidade”, serão analisados, em paralelo aos escritos dos próprios artistas, trabalhos de Robert Venturi, Claes Oldenburg, Jean Nouvel, Robert Morris, Richard Serra, Tadao Ando, Steven Holl, Zaha Hadid, FOA, Greg Lynn, Robert Smithson, Peter Eisenman, Daniel Libeskind, Vito Acconci, Bernard Tschumi, Rem Koolhaas, entre outros.

Nossa hipótese é a de que os trabalhos destes artistas instauram o “lugar contemporâneo” como “poéticas da complexidade” compreendendo a paisagem como uma dinâmica viva, aberta ao acontecimento e também à tensão, ao conflito; uma paisagem em devir, na qual se vislumbra a possibilidade de repensar a própria prática contextual.

Entendendo a paisagem como um conceito multidimensional, ou seja, que permite leituras diversas, percebemos a necessidade de analisar um amplo universo de trabalhos artísticos/arquitetônicos. A paisagem pode ser interpretada como uma dinâmica de imagens, fenômenos, fluxos, discursos e escritas, *performances* sociais e acontecimentos em constante transformação.

Partindo destes parâmetros temáticos, os trabalhos serão analisados segundo sua abordagem mais característica, o que de modo algum exclui a possibilidade de que uma mesma obra pudesse ser analisada sob outra ótica, em outro capítulo de nosso estudo.

Isto porque, no campo ampliado, fluido e rizomático, a prática artística se dá segundo muitas possibilidades de deslocamento e conexões. No campo contemporâneo, não é possível estabelecer categorias fixas, tem-se a fluência de diferença para diferença, logo, difícil de ser enquadrada na síntese. O exercício crítico constitui-se, deste modo, uma aventura em um campo instável, uma busca por fios de entrelaçamento, mas não amarras.

Os caminhos de nossa investigação são abertos ao acontecimento, a questões que surgem ao contato com os trabalhos. Cada obra é oportunidade para

³ Atualmente, Acconci desenvolve projetos de arquitetura junto a uma equipe de arquitetos.

renovar a questão de que há, na contemporaneidade, múltiplos modos de a arte participar ativamente da paisagem.

Argumentos da filosofia serão usados para aproximar os trabalhos, mas não é nossa intenção produzir uma discussão propriamente filosófica. Quando os trabalhos de um artista/arquiteto apresentem contundente consistência entre seu *corpus* teórico e o prático, deter-nos-emos com mais profundidade à sua pesquisa.

Da análise das obras, além da tensão dos limites artísticos e do problema contextual, despontam outras questões: o lugar do artista, problematizado através das noções de externalidade, processo em devir e também da ação do *socius* como agente coletivo; a experiência das obras entre o conceitual e o fenomenológico; a problematização do valor do passado e do futuro na contemporaneidade; o papel da arte como instância crítica da realidade, questionando discursos institucionalizados e instauradores de *status quo*; e a revisão, no contemporâneo, do projeto modernista em sua pretensão universalista e utópica a partir das bases do próprio moderno, conservando um regime de sensibilidade pautado no dinamismo e na efemeridade.

Nossa pesquisa propõe uma reflexão sobre os possíveis encontros e diferenças entre as visões de artistas e arquitetos, e pretende explorar uma compreensão da paisagem em constante transformação. Sustentamos a tese de que se possa afirmar a aventura da reinvenção da paisagem, como campo ativo – imagético, fenomênico, discursivo e performático – e a da reinvenção dos *mediums* artísticos a partir de “poéticas da complexidade”: poéticas diferenciais que assumem a complexidade contemporânea.